



Revista Recorte
ISSN: 1807-8591
Dossiê Especial – Revista Ensinare
V.18 N.1

Nelson Lambert de Andrade
Neide Pena

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS

RESUMO

O artigo apresenta considerações parciais de duas pesquisas de Iniciação Científica, numa cidade do Sul de Minas Gerais. Uma pesquisa investiga a questão da formação em serviço para professores da rede pública e a outra os comportamentos dos alunos da chamada “geração Y” em sala de aula. As duas pesquisas foram planejadas em conjunto com o objetivo de chamar a atenção para um repensar sobre os cursos de capacitação e a forma como estão sendo organizados, levando em consideração um novo público da escola: a geração da era tecnológica. O problema que instigou as pesquisas está materializado na seguinte interrogação: Como os professores estão se preparando para lidar com essa geração da era tecnológica e o que conhecem sobre os alunos que estão chegando às salas de aula, atualmente? As pesquisas estão trazendo à tona diversos questionamentos que envolvem o processo de capacitação de professores, atualmente denominado formação em serviço, que afetam diretamente a qualidade da aula. A questão da formação em serviço ganha lugar de destaque no campo das políticas educacionais, sendo considerada atualmente condição *sine qua non* para a qualidade da educação e do ensino

Palavras-chave: Educação. Ensino. Formação em serviço. Geração Y.

CONTINUOUS TEACHER EDUCATION: POSSIBILITIES AND CHALLENGES IN TIMES OF CHANGE

ABSTRACT

The article is the result of two researches of Scientific Initiation, realized in a city of the South of Minas Gerais. One research investigated the issue of in service training for public school teachers and the other the behaviors of the students called "generation Y" in the classroom. The two researches were planned together with the objective of identifying if there is an attention of the professionals to the changes that have been occurring in the profile of the children and young people who arrive at the schools: the generation of the technological age. It was also intended to call attention to a rethink about the training courses and how they are being organized. It was questioned in the polls: How are teachers preparing to deal with this generation of the technological age, the called digital natives, and what do they know about the students who are coming to class today? The researches are bringing up several questions that involve the process of teacher training, currently called in service training, that directly affect the quality of the class and the educational results. The issue of continuing education in service has gained prominence in the field of educational policies since the 1990s with the publication of the National Education and Guidelines (LDB) Law No. 9,394 / 1996. The Continuing education is currently considered a *sine qua non* condition to guarantee the

quality of education and teaching in this scenario of accelerated changes and increasingly advanced technologies.

Key words: Education. Teaching. In-service training. Generation Y.

1. INTRODUÇÃO

O artigo apresenta resultados parciais de duas pesquisas realizadas em escolas públicas, municipais e estaduais, da cidade de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais. Ambas tiveram como questão central as políticas de formação em serviço para professores, sendo que uma pesquisa ouviu os alunos da denominada geração y (nascidos entre 1980 e 1999) e a outra os professores.

Nos dois projetos de pesquisa, o enfoque se concentra na sala de aula, como lugar de construção de conhecimento que passa por relações entre professor e aluno - essencialmente pessoas, sujeitos históricos, que têm suas condições. A sala de aula foi tomada como lugar de encontro entre sujeitos do conhecimento, em toda a sua dimensionalidade e complexidade. Nos dois projetos de pesquisa, o enfoque está voltado à condição humana, embora os sujeitos do conhecimento ainda estejam muitas vezes significados no ambiente escolar em posições opostas: a de quem ensina e a de quem aprende.

Objetivou-se com as pesquisas chamar a atenção para um repensar sobre cursos de formação em serviço que são oferecidos aos professores e a forma como são geralmente organizados, levando em consideração o novo público da escola, que é geração da era tecnológica, denominada por alguns autores de “geração y”. As pesquisas contaram com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e fazem parte do Programa de Iniciação Científica de uma Instituição de Ensino Superior (IES), Pouso Alegre, Minas Gerais.

As pesquisas estão sendo realizadas simultaneamente, com projetos e pesquisadores distintos, tendo, ambas, a participação de dois alunos do ensino básico – um em cada projeto. Os questionários aplicados aos professores e alunos estão sendo dialeticamente analisados, aproximando os dizeres de professores ao dizer dos alunos, procurando fazer uma relação entre a preparação dos professores e os sentimentos e necessidades dos alunos. O Programa de Iniciação Científica BIC JR recebeu grande apoio dos gestores das escolas públicas da cidade e dos professores, o que motivou a participação dos alunos, exigindo inclusive a realização de um processo seletivo em nível escolar e outro em nível de universidade.

O problema que instigou a este artigo está materializado na seguinte interrogação: Como os professores estão se preparando para lidar com essa geração da era tecnológica e o que conhecem sobre os alunos que estão chegando às salas de aula, atualmente?

Para atender aos objetivos propostos, essas questões se desdobraram em outras indagações recorrentes: como os profissionais de ensino estão sendo preparados para lidar com essa nova geração e com os novos processos de produção e consumo de conhecimentos? Como eles participam desse processo de formação própria? Como eles se identificam com os professores e com o ambiente escolar, atualmente? Como eles estão sendo significados pelos professores e pela escola?

Com o projeto “Capacitação de professores e a qualidade da educação pela voz dos professores”, a ênfase foi dada à questão da “participação” dos docentes no próprio processo de formação, desde a escolha dos temas trabalhados nos cursos, à presença ativa e à aplicação dos conhecimentos desenvolvidos nos cursos na prática pedagógica. É comum nas escolas os cursos para professores serem preparados por uma equipe de especialistas, que muitas vezes contratam outros especialistas e, na maioria das vezes, sem a participação ou consulta aos docentes. Também é comum o desinteresse dos profissionais de ensino por esses cursos.

No projeto “Geração Y nas instituições de ensino: desafios e possibilidades”, o enfoque se concentrou nos comportamentos da geração, caracterizada por alguns autores como “geração Y”; isto é, os nascidos a partir da década de 1980 a 1999, conforme Oliveira (2005). Esse tema vem sendo debatido até hoje mais por profissionais do mercado do que no campo educacional e não há um consenso sobre as características dessa geração e nem mesmo quanto ao período de nascimento.

Metodologicamente, a primeira fase das pesquisas foi realizada conjuntamente. Foi feita uma revisão bibliográfica com a participação ativa dos alunos pesquisadores. Sob a orientação dos professores pesquisadores, os alunos leram o livro “O Bom professor e sua prática”, de Maria Isabel da Cunha, e, em seguida, foram discutidos os conceitos de bom professor e de bom aluno. Após esse estudo, cada equipe partiu para a coleta de dados, feita por meio de questionários e entrevistas com professores. Uma vez de posse dos questionários respondidos e a transcrição das entrevistas, as duas equipes passaram a se reunir para dialeticamente realizar a análise conjunta dos dados, procurando fazer uma aproximação dos dizeres dos professores ao dos alunos.

O estudo sobre a formação em serviço dos profissionais de ensino e sua articulação com a produção do lócus escolar foi interpretada vinculada à análise de políticas públicas que, conforme Feldmann (2009, p. 78), geralmente não valorizam o professor como um ser provido de “saberes próprios, advindos da experiência, e capaz de contribuir significativamente para as discussões sobre o seu trabalho docente na construção do conhecimento sistematizado e na produção da escola”.

2 O que é a geração Y?

Segundo Oliveira (2009), pedagogos e neurocientistas afirmam que a geração Y é constituída pelos jovens nascidos entre 1980 e 1999. Para eles, a capacidade de ser multitarefa, ou seja, fazer várias coisas ao mesmo tempo é sempre associada a essa geração. “Estes jovens estão chegando agora à vida adulta e ao mercado de trabalho e, portanto, começam a interferir de maneira mais direta nos destinos da sociedade” (OLIVEIRA, 2009, p. 67). Ele acredita que essa é uma demanda da sociedade atual, que pressiona todos os sujeitos a realizar multitarefas, a diferença é que para os jovens isso é mais fácil. A geração que nasceu a partir de 1980 vive isso naturalmente e convive com as tecnologias com mais habilidade e intimidade.

Para o administrador Wagner Siqueira, presidente atual do Conselho Regional de Administração (CRA), do Rio de Janeiro, os membros da geração Y representarão cerca de 50% da população economicamente ativa brasileira em 2016. Entender as características deles é o primeiro passo para conseguir atender adequadamente aos seus anseios. Como consumidores são mais conscientes e preocupados com o bem-estar e com a sustentabilidade, gostam de se relacionar, são tecnólogos, globais e inteligentes, ao mesmo tempo em que são singulares e exigentes. Entretanto, o referido autor destaca com preocupação que a “*dolce vita*” da geração Y tem sido um equívoco repetido às escâncaras, a ponto de ser aceito hoje como uma verdade inquestionável. A realidade é outra: essa geração convive simultaneamente com a ambiguidade da Primavera Árabe, em que avança em busca da democracia, e o Outono Europeu, em que promove a desordem urbana e a instabilidade social dos quebra-quebras. O presente e o futuro são sombrios, a ponto de já se falar em geração perdida. Para ele a ausência de estatísticas confiáveis e, sobretudo, porque muitos jovens participam da economia informal em atividades lícitas e ilícitas, falseia a adequada compreensão do quadro de circunstâncias em que vive a maior parcela dos integrantes da chamada geração Y.

O consenso entre os autores pesquisados é que os jovens da referida geração nasceram em um modelo mais flexível de sociedade, no qual o convívio com os pais, professores e autoridades é bastante diferente em comparação com as gerações anteriores. Cresceram em meio aos avanços tecnológicos e tiveram livre acesso à televisão, *vídeo-game*, computador e *Internet*. Assim como todas as gerações, a geração Y possui características peculiares, entre elas pode-se destacar a normalidade que têm em fazer questionamentos constantes, além da ansiedade e impaciência que demonstram em quase todas as situações. Possuem outras formas de perceber os limites, as dificuldades e os desafios, e buscam a satisfação imediata de seus desejos e sonhos. Com isso, desafiar o estabelecido, não saber esperar e inovar fazem parte do comportamento da geração Y.

Esses comportamentos, aos olhos das gerações anteriores, são denominados como transgressão, o que leva à indução de que os jovens apresentam a transgressão como ferramenta de inovação. Folgados, distraídos, superficiais e insubordinados são adjetivos menos simpáticos para classificar os jovens da geração Y. Concebidos na era digital, democrática e da ruptura da família tradicional, estão acostumados a pedir e a ter o que querem. Assim, exigem liberdade para as suas escolhas, fazem o que gostam e buscam o melhor para si. É consenso entre os autores que o livre acesso que tiveram na infância a jogos de vídeo-*game* desenvolveu uma característica extremamente interessante, a competitividade. É como se estivessem sempre esperando para alcançar “a próxima fase do jogo”; e tranquilamente pode-se dizer que são movidos a desafios. Toda a tecnologia a que foram expostos em sua fase inicial, a infância, contribuiu para que adquirissem habilidade em desenvolver tarefas simultaneamente, como utilizar mais de um computador, navegar por vários *sites* ao mesmo tempo, entre outras.

Para Oliveira (2009), as gerações podem ser classificadas como: Geração *Belle Epoque* – nascidos entre 1920 e 1940; Geração *Baby Boomers* – nascidos entre 1940 e 1960; Geração X – nascidos entre 1960 e 1980; Geração Y – nascidos entre 1980 e 1999. Outros autores apresentam classificações diferentes. Por falta de espaço neste artigo não descreveremos cada uma dessas gerações.

Deborah Gilburg, diretora do *Gilburg Leadership Institute* (EUA), explica que, como consequência do movimento de autoestima dos anos 90, introduzido nos currículos escolares, esses jovens são mais habituados a *feedback* frequente e construtivo e a receber prêmios em competições, independente da classificação. São tecnologicamente superiores às gerações mais antigas; pela facilidade de acesso à informação, muitos têm uma visão global do mundo e valorizam culturas, experiência e ambientes diversos; tendem a aceitar mais as diferenças e a julgar as pessoas pela qualidade do seu trabalho e não pelas suas características. Para a pesquisadora, o desafio desta geração é que ela depende de estímulos externos e orientação vinda de cima. Muitos têm capacidade interna reduzida para lidar com críticas e têm dificuldade em processar os fracassos. Ao entrar num local de trabalho esforçado e competitivo 24 horas por dia, com supervisão mínima e onde aprender, eles vão sentir dificuldades em ambientes sem orientação ou formação estruturada. Portanto, embora sejam tecnicamente sofisticados, tendem a não possuir algumas das ferramentas de autoconsciência interpessoal necessárias ao ambiente de trabalho.

3 Políticas de formação em serviço: pelo direito à educação de qualidade

Há alguns anos, desde o incremento das tecnologias na sociedade, os modelos estruturados de comunidade, família, escola, trabalho e até de felicidade estão sendo colocados em discussão, frente a um cenário complexo e incompreensível, que vem recebendo diversas denominações: para uns, “sociedade da informação”; “era tecnológica”; para outros; “sociedade do conhecimento” e, ainda, “sociedade de consumo”, entre outros.

Independentemente da denominação, uma das principais características da sociedade contemporânea é a acelerada transformação pela qual passa o mundo, provocada pelos avanços tecnológicos que colocaram o acesso e a velocidade da informação em patamares jamais pensados, provocando mudanças nos modos de produção e de consumo (de produtos, serviços e conhecimentos), assim como nas relações entre as pessoas.

Outros fatores também não podem passar despercebidos quando o que se está no centro da questão são pessoas. Por exemplo, o crescente aumento da expectativa de vida do ser humano; a liberdade sexual; a redução da natalidade; a ampliação dos meios de conexão entre os seres humanos; o acesso a maior quantidade de bens materiais, entre outros. Trata-se de uma realidade que criou oportunidades jamais observadas anteriormente, como o convívio de cinco gerações diferentes em uma mesma realidade. Contudo, esse convívio também gera desafios jamais enfrentados, principalmente pelo fato dos jovens serem educados e conviverem com a era da tecnologia, a qual permite acesso a todo tipo de informação, relacionamentos e culturas, que vão além do convívio familiar, do trabalho, da escola. Talvez por isso se apresentam mais questionadores, desinteressados pelos conhecimentos tradicionais da escola, com poucos vínculos, o que leva a serem denominados por muitos de “rebeldes”, “indisciplinados” e, conseqüentemente, indesejados na escola.

Não se pode negar os impasses entre profissionais de ensino e alunos no âmbito escolar. Segundo Tedesco & Tenti (2002), a sociedade espera que as escolas e os docentes de hoje ofereçam aos estudantes o que não encontram em outros espaços. Referir-se à escola atualmente é entendê-la como local e processo de interações entre pessoas. O fundamental nessa noção da escola é a ideia de que seus elementos constituintes não são objetos e, sim, pessoas que interagem, se significam e são significados.

Há alguns anos, a instituição escolar vem sendo desafiada pelas novas exigências dos alunos e do mercado, exigindo do professor, como qualquer profissional do mercado, competências que vão além de títulos ou apenas conhecimentos acadêmicos. Diante desse cenário, a questão da formação continuada tornou-se recorrente para todos os profissionais do mercado,

entre eles os profissionais da educação, sendo considerada atualmente como política pública. Existe atualmente um vasto mercado na área da educação formal e não para jovens e adultos e, mesmo para crianças, como é o exemplo dos cursos de línguas e outros. Conforme Apple (2002, p. 47), para os neoliberais, o mundo, em essência é um vasto supermercado. A “escolha do consumidor” é a garantia da democracia. Com efeito, a educação é vista simplesmente como “mais um produto do mesmo modo que o pão, o carro, a televisão”. Basta observar as campanhas de marketing das escolas particulares em períodos de matrículas, na disputa pelo aluno-cliente.

A Conferência de Jomtien (Tailândia) traz como ponto-chave a questão da capacitação de professores, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996, também contempla a questão da formação continuada para docentes. Contudo, esses cursos muitas vezes não são aceitos, ou desejados, e nem tão pouco frequentados pelos professores.

As exigências do mercado não são diferentes das exigências educacionais. Porém, apesar do moderno discurso de gestão escolar, quando a questão é ensino e aprendizagem as implicações são outras e, embora educação seja considerada atualmente como serviço e haja uma tendência mercantilista para negociar esse serviço, cabe questionar os reflexos dessas posturas no ambiente escolar. Assim, sem entrar no mérito das diversas diferenças entre mercado/setor privado e educação pública, entendemos importante observar que isso traz implicações que afetam diretamente a sala de aula, os comportamentos de docentes e discentes e, conseqüentemente, a qualidade da educação, tratada no modelo empresarial como “produtividade”.

A questão das tecnologias tem sido um dos principais problemas enfrentados pelos gestores no que se refere à capacitação docente. Porém, outros fatores afetam diretamente a escola que não passa necessariamente pela formação dos professores, mas por questões políticas, que é valorização da profissão do magistério. Para que alguém se veja como profissional é preciso que seja reconhecido como tal, inclusive no seu processo de formação.

Conforme Papadopoulos (2005, p. 21), “esses fenômenos inelutáveis são a própria essência do ensino e da aprendizagem e o fundamento do progresso cultural e científico”. Ou seja,

já faz parte da escola. Na própria LDB, em seu artigo 1º, temos que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Queiramos ou não, existe uma reconfiguração da sala de aula, cujos processos de gestão e controle vêm sendo forçados a buscar novas formas de organização e gestão, em maior ou menor grau pela inserção de ferramentas tecnológicas, que estão adaptadas ao processo pedagógico ou aos velhos recursos, tão presentes e utilizados ainda hoje.

A questão da “comunicação” se destacou na pesquisa como relevante ao processo de interação escolar. Os docentes parecem não saber como chegar a esse novo público da escola, ou seja, como se comunicar com esses alunos. Essa situação vale também para os gestores, de modo a encontrar uma forma de melhor se comunicar com os profissionais de ensino e, inclusive, envolvê-los na formação continuada, diminuindo resistências.

Também, não é redundante ressaltar que a escola é apenas um dos lugares onde a educação acontece, porém, é a única instituição formal que tem o poder legal de validar o conhecimento sistemático, e é obrigatória. Apesar da tão falada sociedade do conhecimento, ainda não foi superada a concepção do saber escolar, controlado, ligado à superestrutura, uma vez que ele não é reconhecido, não é carimbado pelo poder da instituição autorizada.

No mundo inteiro a educação suscita um interesse crescente e, dependendo dos interlocutores, ela é considerada como chave para progresso econômico; instrumento privilegiado de luta contra o desemprego; motor do progresso científico e tecnológico; garantia de preservação dos valores democráticos; ou passaporte para a mobilidade social, mas, sempre como uma coisa imposta, vertical, de cima para baixo.

Assim, em seu templo, a escola se vê diante de um verdadeiro abismo, por não saber mais que finalidades a educação deve assumir e como deve orientar suas ações, principalmente porque

essas orientações, hoje, de uma forma ou de outra são estipuladas pelo mercado, que define as formas de consumo, os atributos que devem ser agregados ao aluno (produto do mercado), o qual é colocado como sujeito de direito e de poder na sociedade de consumo, principalmente, por serem os jovens e crianças um alto potencial de mercado. Esse é um cenário em que a escola está constantemente ameaçada em sua estrutura de poder, entre o instituído e o instituinte, a ponto das relações entre professores e alunos serem descritas como “A arte da guerra para professores”, por Apolinário (2007).

Nessa direção, pela falta de espaço neste artigo, apresentamos a seguir, apenas parte muito sucinta do estudo realizado em alguns autores, sobre a denominada “geração Y” e apenas citando a caracterização das outras gerações e algumas considerações sobre o fator “participação”. Há muito poucos estudos nesta área, inclusive variam as classificações dadas dependendo dos autores.

4 A capacitação de professores: possibilidades e desafios

Contribuir para a melhoria da qualidade da educação foi a proposta central das referidas pesquisas, podendo ser um referencial para futuros projetos de capacitação de professores que a Secretaria de Educação do Município e/ou demais instituições de ensino venham a oferecer.

Os dados coletados foram organizados em gráficos comparativos e dialeticamente analisados, sempre respeitando a voz dos professores, as suas expectativas e concepções. Ficou evidenciado na pesquisa que a participação dos docentes em cursos de capacitação ainda está muito a desejar; muitos não se dispõem a frequentar os cursos.

Quanto ao item satisfação com os cursos, a pesquisa demonstrou que os cursos dos quais os professores têm participado não estão atendendo satisfatoriamente as necessidades pedagógicas dos mesmos, pois eles não participam da escolha dos temas a serem trabalhados nos cursos. Por isso, nem sempre o que os cursos oferecem é o que eles estão precisando. A nosso entender, esse é um dado que pode estar impactando na eficácia dos cursos e na participação dos professores.

Pela falta de espaço para apresentar os gráficos, relatamos apenas os percentuais de alguns indicadores mais significantes ao propósito deste artigo: 31,45% dos sessenta e nove docentes participaram apenas de um a três cursos nos últimos três anos; 37,54% se consideram apenas

convidados para os cursos, podendo aceitar ou não participar, ou seja, não há exigência de participação. O restante considera obrigatória a participação, mas não existe nenhuma represália visível para aqueles que não frequentam os cursos. Dos sessenta e nove pesquisados, 48% não participam da escolha dos temas a serem tratados nos cursos e 59,85% gostariam de ser ouvidos para programação dos temas; 56,81% dos docentes afirmam que os cursos atendem parcialmente às necessidades e interesses dos professores; 53,77% dos docentes consideram que o aproveitamento nos cursos é apenas “bom”; 48,69% entendem que os cursos contribuem relativamente para a melhoria de sua prática educativa e 48,58% percebem a qualidade da educação de sua instituição apenas como “boa”.

A questão da indisciplina se destacou como o aspecto mais negativo para alunos e professores participantes da pesquisa. Também se destacou a falta de interesse dos alunos em sala de aula e dos pais pela educação dos filhos. Percebe-se que professores e alunos parecem formar dois blocos opostos, que se confrontam em disputas de poder: o professor quer ensinar, precisa ensinar, para melhorar os índices e *rankings* da escola, receber o bônus pelo cumprimento de metas, e o aluno “não está nem aí”, no dizer dos professores. Outro aspecto relevante que se destacou nas pesquisas foi a questão da comunicação. A comunicação constitui a principal ação do professor no ambiente da sala de aula. Contudo, não é percebido pelos educadores como tal diante das novas realidades que estão se delineando no espaço escolar, diante do novo perfil de estudantes que chegam às salas de aula e das novas exigências que estão sendo impostas ao profissional da educação.

Nos cursos de licenciaturas que preparam os profissionais da educação não se observa em seus projetos pedagógicos nenhuma disciplina voltada para o desenvolvimento de habilidades e técnicas de comunicação. Aliás, esse conteúdo normalmente é trabalhado em curso de treinamento nas áreas empresarias e muito constante nos cursos de vendas. Embora polêmico, caberia perguntar o que faz ou deveria fazer um professor em sala de aula, que não persuadir os alunos a aprender, a aderirem-se ao debate, ou agarrar o conhecimento? Para alguns estudiosos um dos maiores desafios do professor hoje é persuadir o aluno a ouvi-lo, a aceitar as suas informações, visto que os recursos tecnológicos contribuem cada vez mais para deslocar o professor da posição de fonte de conhecimento e informações. Além do mais, os alunos estão imersos numa cultura de espetáculos, no dizer de Bauman (1998). Quando alunos e professores conseguem uma boa interação, ou melhor, conseguem se comunicar ou, ainda, manter-se a maior parte do tempo numa

atitude positiva, de diálogo, postura vencedora, de conquista, de esperança e confiança, ambos podem se transformar em aprendizes “bem sucedidos”. Tudo isso acontece num espaço temporal, físico e de significação.

Se, de um lado, o problema físico e material do ambiente pode ser mudado com razoável facilidade, para se adaptar às necessidades e aos objetivos, o mesmo já não se pode dizer do ambiente emocional (o grande desafio). Isso significa desde conseguir um excelente encontro e reencontro do professor com os seus alunos com no mínimo um alegre “Bom dia, para todos! Como estão todos vocês hoje?”, até a otimização do “impacto de cada um no outro”, levando em consideração o sentido da sala de aula, relação produção-consumidor-cliente na linguagem empresarial em voga.

À guisa de considerações

A pesquisa procurou trazer à tona a necessidade de envolver os docentes, ouvi-los em todas as atividades de capacitação que se pretende desenvolver para melhorar a prática educativa e a qualidade do ensino e da aprendizagem. Ainda existe na sociedade e na própria área da educação uma ideia de que ensinar é tarefa fácil e que qualquer pessoa dedicada e paciente, desde que goste de crianças, pode realizar sem grandes dificuldades essa tarefa. Basta observar que a exigência do curso superior para profissionais de ensino é muito recente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96, e ainda não tem caráter de obrigatoriedade.

A pesquisa tem demonstrado que grande parte dos profissionais de ensino não participa de cursos de capacitação para atualização continuada, ou participam pouco, pois não há também uma exigência formalizada quanto à formação continuada dos profissionais de ensino. Os professores que atuam no ensino fundamental, muitas vezes, não se sentem valorizados, não apenas por questões salariais, mas por desprezo da sociedade civil que ainda não os vê como profissionais. A pesquisa demonstrou que eles gostariam de ser mais envolvidos na escolha dos temas dos cursos, sendo ouvidos quanto às suas necessidades e interesses; verticalmente, como têm sido organizados, os cursos não são eficazes. Mas, também, realçou a necessidade de mais exigência e mais controle quanto à participação dos docentes e a necessidade dos mesmos conhecerem melhor o público da escola.

A nosso entender o gesto de não ouvi-los significa uma forma de não valorizá-los e, como não são ouvidos, não participam ou participam pouco e também não traduzem o que vêem nos

cursos em práticas em salas de aula. Outras questões estão se sobressaindo como: a necessidade de ouvir os professores e envolvê-los no planejamento e na operacionalização dos cursos; A questão da formação em serviço ganha lugar de destaque no campo das políticas educacionais, sendo considerada atualmente condição *sine qua non* para a qualidade da educação.

Enfim, há uma conjuntura institucional que não considera a complexidade que a tarefa de ensinar envolve e, talvez por isso, a formação de professores historicamente não tem recebido tratamento adequado, especializado, por parte dos governantes e até mesmo por parte dos próprios professores. Os resultados da educação no Brasil simbolicamente representam uma realidade que precisa ser analisada à luz das novas exigências da atualidade. A nova geração que frequenta a escola tem suas expectativas, suas animosidades que precisam ser reconhecidas, estudadas, pois não há um receituário para as salas de aula, uma vez que não há formas de pessoas, no caso, professores e alunos. A formação continuada dos profissionais de ensino deve ser repensada e ressignificada dentro da própria área para que possa ser planejada sob parâmetros racionais, concretos e objetivos e não numa estratosfera, se reduzindo ao “deve ser” e ao “tem que ter”.

As relações de sentido, ideologicamente materializadas nesse contexto, se significam sob a aparência da neutralidade da escola e de suas práticas, dos seus regulamentos, do seu currículo, do seu discurso, enfim, da sua proposta. E, sob essa aparência de naturalização, esconde-se o “real” de políticas educacionais ideológicas, mal planejadas, descontínuas e mal sucedidas. O professor, tomado como incompetente, suporta sobre a sua imagem o peso do fracasso da escola. O aluno vê-se sem direção e muito mais prejudicado, ainda, por ser obrigado a se sujeitar à mesma escola e aos mesmos professores que são categorizados pela mídia como “incompetentes”.

Vivenciamos a partir da LDB 9394/96 o processo de gestão democrática nas escolas. Nesse processo, o debate e a discussão sobre questões que envolvem alunos e professores, a formação continuada e/ou a formação em serviço devem fazer parte das atividades cotidianas da escola e do Projeto Político Pedagógico. Espera-se com esta pesquisa estar contribuindo para novas formas de pensar e planejar a capacitação dos docentes continuamente no ambiente escolar e assim melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Referências

- APOLINÁRIO, Maurício. A arte da guerra para professores. Brasília: Thesaurus, 2007.
- APPLE, Michael W. Política cultural e Educação. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de out. de 1988. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- FELDMANN, Marina G. A formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- TEDESCO, J. C.; TENTI, E. Nuevos tiempos y nuevos docentes. Buenos Aires, Argentina: UNESCO, 2002.
- PAPADOPOULOS, G. Aprender para o século XXI. In: DELORS, J. (Org.). Educação para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- OLIVEIRA, Sidnei. Geração Y: Era das conexões. Tempo dos relacionamentos. São Paulo: Clube de Autores, 2009.

SIQUEIRA, Wagner. Geração perdida. Revista Administração. Dez. 2001. Editorial.

Técnicas de gerenciamento para estimular o melhor da Geração Y
(<http://cio.uol.com.br/gestao/2007/11/05/idgnoticia.2007-11-05.8801133901>)

Disponível em: <http://cio.uol.com.br/gestao> ... Acesso em: 15/02/2019